

# Ficou mais difícil negociar com nossos credores

## Os bancos desistem dos lucros para poderem falar duro com Funaro

Mais dois bancos norte-americanos rebaixaram ontem à tarde o status de seus empréstimos ao Brasil: o Chemical Bank e o Mellon, enquanto o J.P. Morgan confirmou que está mantendo sua linha de curto prazo aos bancos brasileiros em regime de *overnight*, e um outro ainda, o Montreal, anunciou em Nova York que vai transformar US\$ 100 milhões de seu crédito de US\$ 1,5 bilhão em investimentos na economia brasileira (veja abaixo).

Agora já são seis os bancos que prevêem a perda de milhões de dólares em juros de um total de US\$ 5,910 bilhões da dívida brasileira reclassificada como *non-accrual* — os US\$ 4,6 bilhões do Bankamerica, do J.P. Morgan e do Manufacturers Hanover anunciados anteontem, e mais o bilhão de dólares do Chemical e os 310 milhões do Mellon, de Pittsburgh, comunicados oficialmente ontem à comissão de controle bancário do governo dos Estados Unidos.

A previsão é de que outros bancos sigam o exemplo, entre eles o Citibank, com seus US\$ 3,9 bilhões de empréstimo, e, ainda, segundo *The Wall Street Journal* de ontem, o Chase Manhattan. É isto porque o Brasil passou a ser considerado um pagador duvidoso, ou *substandard*, pelo Federal Reserve, espécie de banco central americano. Antes, era um cliente de risco.

"Quando um banco levanta a lebre, todos os outros normalmente o seguem. Aquele que não seguir terá que apresentar um argumento muito forte para mostrar como um de seus empréstimos pode ser bom quando a maioria o classifica como ruim", explica uma fonte bancária em Nova York.

Para esta fonte, muito bem informada, a bola de neve que cresce na comunidade financeira norte-americana pode acabar desabando

sobre a mesa de negociações que está sendo armada para o ministro Dilson Funaro, que chega aos Estados Unidos na semana que vem.

"Uma coisa é você contabilizar resultados, distribuir dividendos aos acionistas, publicar balanços e depois sentar diante dos negociadores brasileiros e ser obrigado a aceitar qualquer acordo para não extorner lucros. E outra coisa é você aceitar o prejuízo, retirando do seu lucro os juros, ações já desvalorizadas, o empréstimo já convertido em *non-performing loan*, e sentar diante dos negociadores brasileiros com uma posição de força: "Olha, já perdemos, e agora vamos conversar direito".

Para entender o que os bancos norte-americanos estão fazendo com seus créditos ao Brasil nestes últimos dois dias, será preciso conhecer o significado de dois termos específicos, o *non-performing loan* e *non-accrual status*. E quem os explica, aqui, é o gerente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, em Nova York, Carlos Decker:

4º *Non-Performing Loan* é um empréstimo cuja performance não está ocorrendo. Ele venceu, e os juros não foram pagos. Ou, ainda: digamos que o empréstimo seja de cinco anos, com juros semestrais, como o caso do Brasil na dívida de médio e longo prazos. Enquanto os juros forem pagos a cada seis meses, mesmo que o principal permaneça intocado, o empréstimo é um *performing loan*. No momento em que não são mais pagos, ele passa para *non-performing*. Já o *accrual* é um procedimento contábil que diz respeito aos juros. Quando se tem uma boa expectativa de que os juros serão pagos, por exemplo, você pode fechar um balanço em dezembro, mesmo que vá recebê-los em janeiro. Você fez um *accrual* dos juros. No Brasil isto se chama "re-

gime de competência da receita". Você apropria os juros que ainda não recebeu.

O Mellon Bank, de Pittsburgh, foi o primeiro, ontem, a reclassificar seu empréstimo ao Brasil como *non-accrual*. E a sua perda será de US\$ 10 milhões, neste primeiro trimestre, que deverão ser somados a mais US\$ 45 a 55 milhões de prejuízos por maus negócios efetuados. Por isso o presidente do banco, J. David Barnes, teve que anunciar oficialmente, em Pittsburgh, que "não teremos nenhum problema de liquidez, e continuaremos servindo os nossos clientes". Já o vice-presidente, Barry Deutsch, contou a consequência, como o fechamento de várias agências internacionais e maior atenção, de agora em diante, para os clientes nacionais.

O Chemical Bank, de Nova York, anunciou que passava seu empréstimo de um bilhão de dólares ao Brasil para o status de *non-accrual* no final da tarde, para não ferir suas ações na Bolsa de Valores. Mas não revelou seus prejuízos para o trimestre, que devem ser contados aos milhares de dólares.

Neste ambiente muito tenso das relações entre a comunidade financeira internacional e o Brasil, mais um perigo seria confirmado ontem: o de que o banco J.P. Morgan, que anteontem colocou seu empréstimo também no status de *non-accrual*, está renovando dia-a-dia sua linha de crédito de curto prazo a alguns bancos brasileiros em Nova York.

"Mas isto é absolutamente normal", comentou seu porta-voz, que anteontem tinha informado que o Morgan mantinha a linha de crédito de curto prazo apesar de reclassificar o crédito de médio e longo prazos. "Isto não significa muito para o Brasil. Os empréstimos continuam no lugar, só que não há

acordo para renová-los. Assim, à medida que vão vencendo, são renovados", explicou.

O presidente da Comissão de Bancos do Senado Americano, o democrata Bill Bradley, tira três lições da moratória brasileira, como explicou ontem, ao falar da dívida do Terceiro Mundo.

A primeira: é perigoso negar a natureza política da dívida. "O Brasil, agora, é uma democracia", disse Bradley, acrescentando que "as novas democracias da América Latina e das Filipinas substituíram governos militares que viveram de um irresponsável financiamento da dívida e inflação". E concluiu a primeira lição: "As democracias não vão tolerar líderes que escolham o caminho do pagamento da dívida em vez do crescimento e da luta contra a pobreza".

A segunda: "Os empréstimos de emergência não resolvem nada".

E a terceira lição: alguns devedores latino-americanos e alguns bancos credores estão confundindo seus papéis. Os devedores devem preocupar-se com a atração de novos empréstimos. E os credores, na administração dos velhos empréstimos. "Os anos 80 estão virando isto de cabeça para baixo", advertiu o senador Bradley, explicando que os países em desenvolvimento tornaram-se obcecados em reescalonar velhas dívidas, obtendo novos prazos e novas formas de pagamento, enquanto os credores, por sua vez, preocupam-se com a questão de novos empréstimos.

A conclusão do presidente da Comissão de Bancos do Senado:

"A meta do desenvolvimento se evaporou na administração da dívida".

Moisés Rabinovici,  
de Washington.